

lar” (p. 8), isto é, questões presentes na realidade da contemporaneidade.

O papel central da psicanálise nos textos deve-se por ser ela o referencial responsável por articular a educação e a diversidade. No entanto, como os próprios organizadores dizem: “Não se trata, porém, de apresentar uma articulação rígida e uma estrutura normativa: o que trazemos são esboços, pequenas telas que indicam estilos, traços, formas diferentes, extraídos de leituras dos próprios autores a respeito do real” (p. 8). Assim, a psicanálise se apresenta com uma forma de compreender e questionar o mal-estar inerente à condição humana – e inerente, por sua vez, às relações no campo da educação.

Um ponto que permeia todos os capítulos do livro é o posicionamento da psicanálise frente ao real – real esse que sempre vacila, apesar de estar sempre presente, e nunca é controlado. Dessa forma, as teorias psicanalíticas se apresentam como uma proposta de não recuar frente a esse real, possibilitando uma educação que leva em conta os deslizos, os acasos, as discontinuidades, as lacunas e as surpresas desse que não cessa de não se inscrever. Considerar o real na educação e na diversidade, a partir da psicanálise, é não privilegiar o universal, mas buscar incessantemente o particular, fazendo emergir a singularidade da tensão entre universal e particular. Isso vai de encontro a efeitos educacionais segregativos porque se furta a tratar os processos educativos pela via dos ideais ou do padrão universal de regulação, que faz aqueles que se julgam próximos do ideal segregarem os que não o são, ou os que assim não se acham.

Ora, reconhecer o real nada mais é do que ter noção dos limites e da impossibilidade do ofício de educar – é considerar que, neste ofício, enquanto profissão relacional que lida com os sujeitos, existe uma parcela de fracasso intrínseco (já que a satisfação plena é inexistente), tendo em vista que os resultados da transmissão não são passíveis de previsão, deixando o esperado sempre aquém ou além do proposto. Seja com for, se se admitir o sujeito do inconsciente com parte da educação, “não é possível fixar uma relação de causalidade entre os meios e os efeitos obtidos” (p. 130), independentemente dos métodos pedagógicos. A dimensão da impossibilidade na educação permite aos envolvidos nesta área reconhecer que o ensino não se sustenta na ilusão

um a um, e não um sujeito generalizado, abstrato e longe da experiência. Isso pode levar a uma nova visão e a um novo entendimento da prática educativa.

Por fim, os textos que compõem o livro convidam o leitor a interrogar, por meio da psicanálise, as racionalidades do discurso pedagógico que hoje vem impondo saberes, verdades e atividades excessivamente programadas, instituídas, controladas com rigor quase obsessivo, ao campo da educação. A reflexão pode caminhar na direção de um olhar subversivo, que perceba de maneira diversa e menos idealizada as várias formas de manifestação do processo de constituição subjetiva, mesmo sabendo que o real sempre escapa ao alcance das mãos.

Tendo em vista os temas impreteríveis abordados com astúcia pelos autores ao longo do livro, é que, ao cabo e ao fim, não se pode não recomendar francamente a sua leitura.

ajuliocosta@hotmail.com
Rua Maranhão, 1178 / 24
30150-331 – Belo Horizonte – MG –
Brasil.

*Recebido em maio/2012.
Aceito em setembro/2012.*